

PR. ABDÊNAGO LISBOA JUNIOR

A QUESTÃO DA SALVAÇÃO DOS NÃO EVANGELIZADOS



IGREJA BATISTA CIDADE
UNIVERSITÁRIA

INTRODUÇÃO

Bem vindo ao estudo deste tema tão interessante e relevante para a Igreja de Cristo - A questão da salvação daqueles que não foram alcançados pela mensagem de salvação em todos os períodos da história humana. É um tema polêmico, mas que, mesmo assim, podemos, com a ajuda do Espírito Santo, buscar nas Escrituras o significado dos textos relacionados ao assunto. Esta apostila tem informações mais detalhadas de cada ponto e é essencial uma leitura da mesma, dos textos bíblicos e também fazer suas anotações.

Para iniciar o estudo, vamos fazer um exercício para reativar o que, provavelmente, você já meditou algumas vezes:

EXERCÍCIO 1 - Coloque V (verdadeiro) ou F (falso)

01. () Não existe uma orientação bíblica sobre quem será salvo.
02. () A salvação vai depender do julgamento feito por Deus.
03. () Ninguém pode afirmar que está salva.
04. () Aqueles que não ouviram o Evangelho serão perdoados.
05. () Quem não ouviu o Evangelho terá uma segunda oportunidade.
06. () Deus salvará quem não ouviu pela reação que teriam.
07. () Todos serão salvos por causa da bondade de Deus.
08. () Será salvo quem levantar a mão e for à frente no apelo.
09. () Uma pessoa será salva se crer que Deus existe.
10. () Pessoas piedosas de todas as religiões serão salvas.
11. () No fim, Deus salvará a todos.
12. () A revelação geral é suficiente para salvar.
13. () Uma pessoa pode perder a salvação se não perseverar.
14. () Podemos ter a certeza de que seremos salvos.
15. () Bebês e incapacitados, serão salvos.

Durante o século XVIII, com o despertamento missionário no mundo, aqueles que atuavam nos confins da terra, foram questionados pelas pessoas alcançadas quanto ao destino eterno dos seus antepassados, que nunca ouviram o Evangelho. Naquela época o tema chegou com grande ênfase nas igrejas e seminários e a dúvida e também a divergência de opiniões fez com que alguns estudos bíblicos fossem publicados e o tema debatido na escola bíblica. Em seu livro *What about those Who have never heard?*, John

Sanders, em sua introdução, trouxe algumas informações e quero transformar isso numa tabela para facilitar o entendimento:

Muitas pessoas que viveram antes de Cristo não tiveram qualquer informação acerca do Deus verdadeiro.		
ANO	POPULAÇÃO	CRISTÃO
100 d.C	100 milhões 60.000 etnias não alcançadas	1 milhão
1000	270 milhões 50.000 etnias não alcançadas	50 milhões
1989	5.2 bilhões de pessoas 12.000 etnias não alcançadas	1.7 bilhão
2012	7 bilhões de pessoas	2.4 bilhões
A maioria da humanidade morreu sem conhecer o Deus verdadeiro e sem ouvir do Evangelho de Jesus		

Do final do século XX aos dias atuais, com as imagens de catástrofes em todo mundo e a morte de milhares de pessoas em terremotos e atentados terroristas e com a postura pós-moderna da sociedade, com absolutos sendo questionados, alguns teólogos começaram a publicar livros sobre este tema. Atualmente, tenho visto que em grupos de estudo bíblico, quando o tema é levantado, as opiniões se dividem.

Numa recente conferência missionária promovida por organizações teologicamente conservadoras apenas 37% dos entrevistados criam que “uma pessoa que nunca tenha ouvido o evangelho está eternamente perdida”. Já 25% acreditavam que a pessoa será salva ou perdida com base em quão bem seguiu a verdade que conhecia.¹

Para entender este assunto, precisamos comentar sobre a doutrina da salvação e também sobre os três pontos da escatologia individual, ou seja, o restritivismo (exclusivismo), o universalismo e o inclusivismo.

O PROCESSO DE SALVAÇÃO

A doutrina da salvação na Bíblia é um tema extenso e rico em detalhes. No decorrer da história da Igreja, ela foi mal entendida e distorcida pelos *heresiarcas* de muitas denominações. Atualmente, o tema é conhecido de forma superficial e prejudicado pelo sentimentalismo, que abafa o verdadeiro significado original. De forma geral, quero colocar algumas teses bíblicas acerca da salvação individual, que são mais claramente entendidas pelos estudiosos.

- 🚩 Por causa da entrada do pecado no mundo, toda natureza humana foi afetada (Romanos 5.12).
- 🚩 Todos, sem exceção, estão debaixo da condenação, e necessitam da salvação (Romanos 3.23).
- 🚩 Esta salvação só pode ser somente pela graça de Deus (Efésios 2.8-9).

¹ Perspectivas no movimento cristão mundial – Vida Nova, pg. 158

Deus é quem perdoa e concede vida ao pecador, tornando-o uma nova criatura, passando ela a ter paz com Deus, por causa da obra redentora de Cristo na Cruz (Efésios 2.1, Romanos 5.1).

No item V. da declaração de fé da Convenção Batista Brasileira,² que fala sobre a salvação, temos o seguinte

A salvação é outorgada por Deus pela sua graça, mediante arrependimento do pecador e da sua fé em Jesus Cristo como único Salvador e Senhor. (1) O preço da redenção eterna do crente foi pago de uma vez por Jesus Cristo, pelo derramamento do seu sangue na cruz. (2) A salvação é individual e significa a redenção do homem na inteireza do seu ser. (3) É um dom gratuito que Deus oferece a todos os homens e que compreende a regeneração, a justificação, a santificação e a glorificação.(4)

(1) - SI 37.39; Is 55.5; Sf 3.17; Tt 2.9-11; Ef 2.8,9; At 15.11; 4.12.

(2) - Is 53.4-6; 1Pe 1.18-25; 1Co 6.20; Ef 1.7; Ap 5.7-10

(3) - Mt 16.24; Rm 10.13; 1Ts 5.23,24; Rm 5.10

(4) - Rm 6.23; Hb 2.1-4; Jo 3.14; 1Co 1.30; At 11.18

No item seguinte, que trata da eleição, temos mais algumas declarações que causam polêmica:

Eleição é a escolha feita por Deus, em Cristo, desde a eternidade, de pessoas para a vida eterna, não por qualquer mérito, mas segundo a riqueza da sua graça. (1) Antes da criação do mundo, Deus, no exercício da sua soberania divina e à luz de sua presciência de todas as coisas, elegeu, chamou, predestinou, justificou e glorificou aqueles que, no correr dos tempos, aceitariam livremente o dom da salvação. (2) Ainda que baseada na soberania de Deus, essa eleição está em perfeita consonância com o livre arbítrio de cada um e todos os homens. (3) A Salvação do crente é eterna. Os salvos perseveram em Cristo e estão guardados pelo poder de Deus. (4) Nenhuma força ou circunstância tem poder para separar o crente do amor de Deus em Cristo Jesus. (5) O novo nascimento, o perdão, a justificação, a adoção como filhos de Deus, a eleição e o dom do Espírito Santo asseguram aos salvos a permanência na graça da salvação. (6)

(1) - Gn 12.1-3; Ex 19.5,6; Ez 36.22,23,32; 1 Pe 1.2; Rm 9.22-24; 1 Ts 1.4

Eleição, predestinação e livre-arbítrio são temas polêmicos, como também a questão da participação do pecador no processo da salvação. Recentemente, um tema muito discutido é sobre o conteúdo necessário de revelação de Deus para que a pessoa seja

² <http://www.opbbcarioca.com.br/>

salva por Deus. É isso que veremos nos pontos a seguir, conhecendo as três posições teológicas sobre o assunto – o restritivismo, o universalismo e o inclusivismo.

1 O RESTRITIVISMO

O restritivismo, também conhecido como exclusivismo, afirma que todos os homens são pecadores e estão debaixo da condenação de Deus. Por causa disso, todo aquele que ainda não ouviu o Evangelho da salvação em Cristo Jesus, também está debaixo da condenação de Deus. Os que morreram sem ter ouvido o Evangelho, estão perdidos eternamente, não tendo nenhuma outra oportunidade após a morte.

Essa tem sido a crença predominante no decorrer da história da igreja. Agostinho era um dos defensores do exclusivismo dos primeiros séculos, que também influenciou outros teólogos depois dele. João Calvino foi uma coluna do exclusivismo durante a Reforma, exercendo grande influência naquela época. Da Reforma até hoje, muitos teólogos defenderam o exclusivismo, como por exemplo, Jonathan Edwards (1703-1758), Spurgeon (1834-1892), R.C. Sproul (1939) e outros.

A base teológica da doutrina está nas Escrituras, onde encontramos muitos textos explícitos, que afirmam que Jesus é o único caminho para se chegar a Deus. Isso está em sintonia com os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos. Sanders,³ comentado sobre o exclusivismo, afirmou que os textos bíblicos usados pelos teólogos que defendem essa linha, são divididos em quatro grupos: o primeiro está relacionado com passagens que apresentam a exclusividade de Jesus, como por exemplo, Atos 4.12, João 14.6; João 3.17-18 e 26; Romanos 10.9-10; 1 João 5.11, 12.

O segundo grupo é formado por versículos que mencionam o triste estado pecaminoso da humanidade e sua impossibilidade de alcançar a salvação. Dentre eles, os primeiros três capítulos de Romanos e Efésios 2 aparecem como destaques. Paulo, em Romanos 3.23, afirmou que “...não há nenhum justo, e que os pecadores estão destituídos da glória de Deus”.

O terceiro grupo de versículos é formado por textos que falam da necessidade de ouvir o Evangelho e arrepender-se dos seus pecados, como por exemplo, Marcos 1.14-15, Marcos 16.15-16, João 3.26, 1 João 2.23 e Romanos 10.9.

O quarto grupo fala do caminho estreito para se chegar até Deus e os poucos que por ele irão passar. A passagem mais citada é Mateus 7.13-14, onde lemos:

Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

³ SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company., p. 38

Em resumo, o exclusivismo destaca a particularidade e finalidade da obra salvadora de Cristo na cruz, a incapacidade da revelação geral em proporcionar a salvação e que, conforme Hebreus 9.27, não há possibilidade de salvação após a morte. É ponto central também que os não evangelizados estão debaixo dessa condenação. Por isso, exclusivistas dão uma importância especial a missões, aqueles que nunca ouviram o Evangelho.

Mesmo que o exclusivismo tenha sido aceito sem muita oposição durante os séculos, nas últimas décadas, o inclusivismo vem ganhando muitos adeptos. O apelo tem sido mais para o campo emocional do que propriamente teológico, onde o amor e bondade de Deus ficam de um lado e a condenação eterna das suas criaturas do outro.

Com relação às causas dessa crescente oposição ao restritivismo, Paes comenta:

A globalização, o pluralismo religioso, a extrema valorização da religiosidade de cada povo como fenômeno cultural, o crescente contato entre os povos e o intercâmbio entre pessoas de diversas culturas vêm fazendo surgir diferentes respostas quanto à salvação dos que nunca ouviram a pregação do Evangelho. Na prática, parece que a mentalidade moderna não admite mais a concepção de que só o Cristianismo tem a resposta única para a salvação humana. Nosso sentimentalismo e todas as influências da globalização nos impedem que afirmemos que os budistas, os muçulmanos, ou os índios, para citar alguns exemplos, que nunca ouviram sobre Jesus, e, portanto, não crêem nele, estão indo para o inferno. Preferimos ignorar o assunto, ou então, bem lá dentro de nós, cremos que, no final, Deus vai dar um “jeitinho”.⁴

2 O UNIVERSALISMO

O universalismo, também conhecido como *pluralismo*, é uma corrente soteriológica que afirma que, no final dos tempos, todos serão salvos por Deus.⁵ Esse ensino apresenta algumas variações quanto à sua teologia, mas que podem ser resumidas em duas linhas básicas – o universalismo geral e o universalismo cristão. O primeiro afirma que, no final dos tempos, todos serão salvos por alguma razão, pois Deus é Pai amoroso e bondoso e não vai punir eternamente as Suas criaturas.

Já o universalismo cristão, que também apresenta uma teologia diversificada, afirma que todos serão salvos, porque Deus trará, de alguma forma, todos à fé explícita em Cristo, isso com a pessoa em vida, na hora da morte ou até mesmo no *hades*, por causa da obra redentora de Cristo.

⁴ PAES, A questão teológica da singularidade de Cristo., 2005

⁵ RYRIE, C. (2004). *Teologia Básica ao Alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, p. 606

A história do universalismo remonta aos primórdios da história da igreja,⁶ com Clemente de Alexandria e seu aluno Orígenes. Os ensinamentos de Orígenes foram declarados heréticos no V Concílio Ecumênico em 553 d.C. e seus adeptos foram silenciados pela igreja.

Durante a idade média, o universalismo apresentou uma influência limitada no cristianismo. Os reformadores, Lutero e Calvino, seguiram o exemplo de Agostinho e também rejeitaram a doutrina. Nesse período, o universalismo não era sistematizado e variava quanto ao seu conteúdo.

Da reforma até o século XIX, a doutrina começou a dar sinais de renascimento em diversos países, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos. Em meados do século XX, o ensino tomou forma e começou a ser sistematizado, ganhando muitos adeptos. Muita literatura foi produzida para questionar o exclusivismo dominante até então.

Atualmente, a doutrina encontra apoio entre evangélicos, teólogos liberais e principalmente católicos romanos. Entre os protestantes, o exclusivismo e o inclusivismo ainda apresentam uma aceitação mais expressiva.

Com relação à teologia, o universalismo geral apresenta uma proposta soteriológica otimista para a humanidade em geral, ao contrário do exclusivismo, que apresenta essa esperança positiva apenas para os salvos. O alicerce dessa proposta está na afirmação de que Deus é bondoso e misericordioso e que, por isso, fará com que todas as suas criaturas sejam salvas.⁷ Assim, para os universalistas a idéia de condenação é repudiada. Além disso, eles afirmam que todas as religiões do mundo são válidas, oferecem salvação e conduzem o homem a Deus. Nenhuma religião pode reivindicar exclusividade em relação à revelação, verdade e salvação.

Os universalistas cristãos se apóiam também em muitas dessas afirmações e usam alguns textos bíblicos para defender seus argumentos. Os mais citados são: João 12.32; Romanos 5.12-19; 2 Coríntios 5.19; Filipenses 2.9-11; Colossenses 1.19-20; 1 Timóteo 2.4; 1 Timóteo 4.10; Tito 2.11; 2 Pedro 3.9 e 1 João 2.2. De forma resumida, estas passagens são usadas para afirmar que Deus, sendo amoroso e salvador de todos os homens, não deseja que Suas criaturas se percam. Por isso, Ele elaborou um plano de salvação para todos. Em Adão, todos foram condenados pelo pecado, sem que tivessem uma oportunidade de escolha. Mas todos serão reconciliados com Deus, por intermédio da obra de Cristo na cruz.⁸ Assim, no final dos tempos, todos confessarão que Jesus é o Senhor e Deus será vitorioso sobre todas as formas de pecado e mal. Deus promoverá uma

⁶ SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company, p. 81.

⁷ RYRIE, C. (2004). *Teologia Básica ao Alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, p. 607

⁸ ELLER, D. B. (1990). *Enciclopédia Histórico-teológica da Igreja Cristã - Universalismo* (1 ed., Vol. III). (W. A. Elwell, Ed., & G. Chown, Trad.) São Paulo: Vida Nova, p. 598

reconciliação universal e uma restauração de todas as coisas, conforme Atos 3.19-20 (ἀποκατάστασις)⁹

Por causa dessa teologia, os universalistas mais liberais afirmam que a necessidade de evangelizar é somente para comunicar a todos essa boa notícia, pois o amor perseverante de Deus busca o homem até alcançá-lo.¹⁰ Entre os universalistas mais radicais, há aqueles que afirmam que até mesmo Satanás será reconciliado com Deus.

Analisando cada um dos textos e afirmações universalistas, percebemos claramente uma hermenêutica forçada para encaixar textos bíblicos em sua teologia. Nas passagens usadas por eles, realmente percebemos que Deus tem amor pelas suas criaturas e deseja que todos sejam salvos. Porém, em outras passagens, Deus apresenta as condições para a salvação.¹¹

Um detalhe curioso sobre a teologia universalista, é que eles afirmam que os textos que falam da condenação eterna não são tão numerosos assim e os poucos que falam, são hipérboles ou metáforas utilizadas para produzir fé nos ouvintes.¹²

A verdade é que a doutrina do juízo e da punição eterna é bem ampla nas Escrituras. Tratar todas elas como hipérbole é uma maneira de negar o ensino bíblico sobre esse tema. Muitos textos relacionados à necessidade de arrependimento e de condenação eterna são suprimidos por seus expositores. Um exemplo disso são os textos de João 5.28-29 e Mateus 25.31-46, onde temos um desfecho duplo da ressurreição e um duplo destino eterno.

Em Romanos 5.12-19, um texto muito usado pelos inclusivistas, quando comparado com outras passagens do próprio livro (2.5-11) temos um entendimento mais lato do ensino bíblico, que apresenta a ira de Deus sobre os desobedientes. O mesmo acontece com João 3.36 e 2 Tessalonicenses 1.8-9 que falam da punição e castigo eterno. No livro de Apocalipse vemos que a vitória final de Deus envolve a derrota de seus inimigos e não uma “anistia geral”.

Com relação a essa teologia universalista, Ryrie comenta: “...alguns universalistas preferem usar argumentos emocionais, apelam para a natureza de Deus, como amor e bondade. Mas o caráter de Deus não inclui somente bondade, mas também justiça”.¹³

⁹ Ibid, p. 597

¹⁰ RYRIE, C. (2004). *Teologia Básica ao Alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão, p. 607

¹¹ Na sequência deste trabalho mencionarei alguns versículos e comentários sobre esta questão.

¹² SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company, p. 87-89.

¹³ RYRIE, C. (2004). *Teologia Básica ao Alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão. , pp. 606-607

3 O INCLUSIVISMO

O inclusivismo soteriológico é uma abordagem voltada para a questão da salvação dos não evangelizados. Mesmo apresentando pequenas divergências entre seus defensores, em resumo, o inclusivismo afirma que Deus, sendo bondoso e amoroso, irá salvar pessoas à parte da revelação especial e do conhecimento do Evangelho, mas com base na obra redentora de Cristo. É um ponto de vista que rejeita o exclusivismo e o universalismo, mas que apresenta alguns pontos em comum com ambos. Ele também ressalta o grande valor da revelação geral, que é vista como suficiente para todos alcançarem a salvação.

No livro *No Other Name*, na apresentação da história do inclusivismo, Sanders apresenta detalhadamente nomes de pessoas e suas afirmações inclusivistas.¹⁴ Ele vai desde o Antigo Testamento, passando pelo período intertestamentário e período rabínico. Com relação aos primeiros séculos depois de Cristo, ele cita também alguns pais da igreja, como por exemplo, Clemente de Roma, Justino Mártir e Irineu.

Durante a idade média, o pensamento inclusivista caiu em descrédito, mas mesmo assim, alguns nomes se levantaram em seu favor. Dentre eles Sanders cita Abelardo (1079-1142), um filósofo e teólogo francês, que cria que a Trindade, cujo conhecimento era necessário para a salvação, foi revelada não somente nos textos sagrados do cristianismo, mas também aos poetas e filósofos pagãos.¹⁵

Com relação aos atenienses, Abelardo não entendia como eles eram deixados de lado, como que vivendo num estado de infidelidade e condenação. Em sua opinião, Deus tinha dado suficiente revelação para todos os homens para que eles pudessem ser salvos.

Durante a Reforma até o século XVIII, Sanders afirma que muitos outros nomes levantaram a bandeira do inclusivismo, como por exemplo, Zwinglio,¹⁶ que dizia que Deus poderia escolher dentre os pagãos aqueles que observariam suas leis e o aceitariam.¹⁷ Assim, muitos não evangelizados estariam lá no céu, o que para os calvinistas era um escândalo. Ele argumentava que uma vida de bondade e justiça, não poderia ser exercida fora da atuação de Deus.

Da reforma até o século XVIII, aparecem os nomes de Erasmo, John Milton, Robert Barclay e o comentarista inglês Matthew Henry (1662-1714). Mas o nome de maior destaque nesse período foi John Wesley (1703-1791). No seu sermão intitulado “Da fé”,

¹⁴ SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company, pp. 267-280.

¹⁵ SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company, p. 269

¹⁶ Líder da Reforma na Suíça.

¹⁷ Ibid, p. 269

Wesley afirmou¹⁸ que “...os não evangelizados não podem ser condenados por não aceitarem a Cristo, sem ter ouvido sobre Ele”.¹⁹

Com relação ao século XIX, Sanders cita mais uma série de defensores do inclusivismo, inclusive padres jesuítas. Mas foi no século XX que o inclusivismo deu um grande salto de popularidade e desenvolvimento, tendo defensores em todas as denominações protestantes. Um nome de destaque é C. S. Lewis (1898-1963), um escritor e apologista cristão anglicano. Famoso por seus escritos, Lewis exerceu uma influência muito grande sobre seus leitores e também teólogos. Sua posição sobre a salvação dos não evangelizados é bem comentada em seus livros, mesmo que, em alguns casos, de forma figurada. No seu livro *Cristianismo Puro e Simples*, Lewis colocou a sua posição sobre aqueles que não foram evangelizados:

É terrivelmente injusto que essa nova vida fique restrita às pessoas que ouviram falar de Cristo e que assim puderam crer nele. Mas a verdade é que Deus não nos disse nada a respeito de seus planos para com as outras pessoas. Sabemos sim, que ninguém pode se salvar a não ser por Cristo; não sabemos se apenas aqueles que o conhecem podem se salvos por Ele.²⁰

A teologia soteriológica de Lewis apresenta vários aspectos. Ele dizia que a salvação é somente através de Cristo, mas que Jesus pode salvar também aqueles que nunca declararam explicitamente a fé nele. Assim, pessoas de todas as terras foram salvas pela fé em Deus, porque Deus é encontrado por todo aquele que o busca, pois Deus está trabalhando para salvar pessoas de todas as religiões e culturas.

Com relação aos outros meios que Deus usa para salvar a humanidade, Lewis afirmou que Deus encontra pessoas em outras culturas e religiões através de vários tipos de revelação, como por exemplo, histórias sobre um Deus que morreu e voltou a viver e que pela sua vida, trouxe nova vida aos homens.²¹ Ainda nessa mesma linha, sua afirmação é que há uma revelação universal, que todas as grandes religiões tem em comum. Nessa revelação natural, Deus encontra aqueles que estão fora da igreja. Aqueles que buscaram a Cristo durante a vida, encontrá-lo-ão depois da sua morte, mas esta oportunidade será apenas para aqueles que responderam positivamente em sua vida à revelação universal.²²

¹⁸ Sanders faz algumas citações de Wesley para mostrar que ele era inclusivista. Entretanto, quando analisamos os sermões de Wesley, verificamos que sua teologia não pactua com as afirmações de Sanders, provavelmente por citar porções fora do contexto.

¹⁹ SANDERS, J. op. cit., p. 250

²⁰ LEWIS, C. S. (1985). *Cristianismo Puro e Simples*. São Paulo: ABU Editora. p. 36

²¹ SANDERS, J. (1992). *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the unevangelized*. Grand Rapids: Erdmans Publishing Company. , p. 253

²² Sanders muitas vezes cita textos isolados dos autores para coletar afirmações que deseja. Com relação a C. S. Lewis, a sua teologia e a sua posição sobre o destino dos não evangelizados, precisam ser averiguadas

Dentre os inclusivistas atuais, há dois nomes que têm exercido uma maior influência nos círculos teológicos, por causa de suas publicações e palestras. São eles Clark H. Pinnock e John E. Sanders.²³ O Dr. Pinnock (1937),²⁴ além de conferencista, tem sido conhecido através de suas publicações. A sua obra que mais tem chamado a atenção de críticos é *A Wideness in God's Mercy: the Finality of Jesus Christ in a World of Religions*. Seus ensinamentos serão apresentados na seqüência desse trabalho.

Outro nome importante no contexto do inclusivismo atual é John E. Sanders (1956), um teólogo americano, professor de teologia e filosofia no Oak Hills Bible College, Bemidji, Minnesota. Das suas diversas obras, a que mais provocou reações no meio evangélico foi o livro: *No Other Name: An Investigation into the Destiny of the Unevangelized*, um livro que apresenta o inclusivismo de forma mais detalhada. Recentemente, em 1995, Sanders editou o livro: *What About Those Who Have Never Heard*, (InterVarsity Press) com co-autoria de Ronald Nash e Gabriel Fackre, onde apresenta o assunto de forma mais resumida, tendo também a contra-argumentação de Nash e Fackre.

3.1. Principais argumentos inclusivistas

Conforme descrito anteriormente, os inclusivistas afirmam que durante a história da igreja, muitos pensadores e teólogos eram inclusivistas. Afirmam também que muitos inclusivistas atuais podem ser encontrados nas religiões tradicionais, como Batista, Presbiteriana, Metodista e muitas outras. Por fim, a alegação é que o número de simpatizantes irá crescer muito no século XXI, por ser uma maneira de pensar que melhor se enquadra à teologia do amor de Deus.

Mesmo usando textos bíblicos para defender a teologia, os inclusivistas não deixam de usar os argumentos voltados para a lógica humana e para o emocional. O primeiro argumento inclusivista é quanto ao número de pessoas que já viveram nesse mundo e que nunca ouviram o Evangelho. Será que todas elas serão condenadas? Essa é a pergunta que eles fazem.

O segundo argumento é quanto à questão da salvação de crianças e de pessoas incapacitadas intelectualmente de responder ao Evangelho. Os inclusivistas afirmam que muitos exclusivistas crêem que os dois grupos citados acima alcançarão a salvação, mesmo sem uma declaração de aceitação do plano de salvação, mas com base na obra de Cristo por elas. Eles alegam que, se Deus pode providenciar a salvação destes, por causa

também em outras fontes. A leitura dos livros *A Última Batalha* e também *O Grande Abismo*, nos trazem uma compreensão do pensamento de Lewis..

²³ A lista de inclusivistas é grande, mas dentre eles, quero citar também, Richard Rice, William Hasker e David Basinger.

²⁴ Clark H. Pinnock (1937), é teólogo e professor emérito no McMaster Divinity College, Ontario e PhD em Novo Testamento pelo Manchester University.

da sua condição, por que não pode também providenciar a salvação daqueles que nunca ouviram o plano de salvação?

O terceiro argumento é visto em Sanders, que enfatiza a misericórdia de Deus para defender o seu inclusivismo:

“...Deus é generoso em sua misericórdia, mas não sabemos como exatamente ele vai mostrar sua graça redentora àqueles que nunca ouviram as boas novas em Jesus. Se Deus ama os não evangelizados e deseja a salvação deles, haverá algum caminho para eles serem salvos.”²⁵

Conforme citado anteriormente, a teologia dos inclusivistas recebeu nas últimas décadas uma atenção muito especial, com a produção de livros e textos embasados em passagens bíblicas e argumentos bem ordenados. Em suma, eles afirmam que “nós não temos toda a revelação de Deus e a revelação que temos pode estar distorcida, por causa da nossa maneira errada de interpretarmos as Escrituras”.²⁶ Um ponto central da teologia inclusivista é o valor dado à revelação geral, o que será analisado a seguir.

3.2. A revelação geral no inclusivismo

De forma geral, os inclusivistas se apegam ao valor da revelação geral para a salvação dos não evangelizados. Eles perguntam: Se Deus ama os não evangelizados e deseja a salvação deles, como é que se dará esta salvação? Na resposta, eles afirmam que *o Pai alcança os não evangelizados através do Filho e do Espírito, via revelação geral, consciência humana e cultura*,²⁷ pois Deus não limita a Sua bondade por causa do nosso conhecimento dEle. Por se tratar de um tema tão predominante no inclusivismo, descrevo a seguir, essa questão da revelação geral.

A palavra revelação na Bíblia significa *desvendamento de algo encoberto*. É a influência divina que comunica ao homem o Seu eterno poder, Sua divindade e o seu caráter Santo e Justo. Essa revelação é tradicionalmente dividida em revelação geral e revelação especial.

A primeira é a revelação que Deus faz de si mesmo a todas as pessoas de todos os tempos e de todos os lugares. Segundo Ryrie, a revelação geral pode ser resumida da seguinte maneira: Através da natureza e da providência - Salmo 19:1; Romanos 1:18-21; Atos 14:17; Colossenses 1:17; Atos 17:24-31; Jó 38:1 a 39:30; através da natureza humana. - Gênesis 1.26 - Romanos 1.32 - 2.16; através da história da história da

²⁵ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Heard?* (J. Sanders, Ed.) Illinois: InterVarsity Press. pp. 35-36

²⁶ Ibid, p. 16

²⁷ Ibid, p. 36

humanidade e dos hebreus (teofanias, milagres, testemunhos pessoais, sonhos, profecias, visões, etc).²⁸

Segundo Hebreus 1.1, essa revelação se deu de forma progressiva e diversificada. Progressiva porque se deu no decorrer da história da humanidade, diversificada porque foi de maneiras diferentes.

Desde a formação do cânon do Novo Testamento até o século XX o conceito de revelação divina sempre foi muito debatido. Alguns pensavam que a única fonte de revelação aos homens era as Escrituras Sagradas. Mas ao mesmo tempo a teologia da revelação geral foi ganhando espaço e sistematização. Hoje a revelação geral e especial se complementam mutuamente, mesmo sabendo que a revelação geral ilustra e incita o homem à revelação especial.

Esses debates se intensificaram depois da Idade Média. Os reformadores sustentavam que o homem pode adquirir algum conhecimento de Deus através das coisas criadas, mas sustentavam também que o verdadeiro conhecimento de Deus é somente por intermédio da revelação especial.²⁹

Outra opinião é que podemos obter suficiente conhecimento de Deus sem a revelação especial, uma vez que o homem pode descobrir Deus por si mesmo e no universo. Barth afirmou que “... não podemos encontrar Deus nem na natureza, nem na história, nem na experiência humana de qualquer espécie, mas somente na revelação especial, que chega até nós através da Bíblia”.³⁰ Por outro lado, vemos no pensamento agnóstico a impossibilidade de conhecermos a verdade. Isso é devido à nossa mente finita que nos impossibilita de conhecermos tudo aquilo que vai além dos nossos limites. Para Gundry, o pecador interpreta erroneamente a revelação de Deus encontrada na natureza. A prova disso, segundo ele, são as inúmeras religiões existentes no mundo. E continua: “Precisamos das Escrituras para interpretar corretamente a revelação natural”.³¹

Com o advento do racionalismo, a revelação natural foi entronizada e a capacidade humana era considerada suficiente para se chegar ao verdadeiro conhecimento. Diziam também que a revelação sobrenatural, ou especial, poderia ajudar o homem no processo de conhecimento. Segundo essa linha de pensamento, o Evangelho meramente ilustra a verdade religiosa universal, ou talvez mesmo dela apresente a melhor ilustração. Tal verdade é, em teoria, acessível a todos os homens, sem se levar em conta raças, educação ou século, mas na prática, vemo-la revelada na experiência, na vida ou nos escritos dos gênios religiosos do mundo.³² O nosso conhecimento de Deus, mesmo não sendo

²⁸ RYRIE, C. (2004). *Teologia Básica ao Alcance de todos*. São Paulo: Mundo Cristão. pp. 33-40

²⁹ BERKHOF, L. (2001). *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. p. 31

³⁰ Ibid, p. 32

³¹ GUNDRY, R. H. (1978). *Panorama do Novo Testamento*. (J. M. Bentes, Trad.) São Paulo: Vida Nova.

³² RICHARDSON, A. (1958). *Apologética Cristã*. Casa Publicadora Batista. p. 155

exaustivo, pode, contudo, ser real e perfeitamente adequado às nossas necessidades. Para alguns comentaristas é possível construir uma teologia natural à parte da Bíblia, ou seja, construir um conhecimento verdadeiro a respeito de Deus através da revelação geral. Erickson resume essa hipótese da seguinte maneira:

O cerne da teologia natural é a idéia de que é possível chegar a um conhecimento genuíno de Deus baseando-se apenas na razão, sem um compromisso de fé anterior com as crenças do cristianismo e sem nenhuma dependência de alguma autoridade especial, tais como uma instituição (a igreja) ou um documento (a Bíblia).³³

Um fator que devemos observar é o seguinte: se a revelação natural é adequada, deveria convencer qualquer pessoa racional. No capítulo 10 de Romanos, Paulo insiste na necessidade de pregar o Evangelho (a revelação especial) para que as pessoas possam crer. Por isso, podemos afirmar que, devido à entrada do pecado no mundo, a leitura que o homem faz da revelação natural de Deus está desfocada. Em 1 Coríntios 2.14 lemos: “... o homem natural não aceita as coisas do Espírito, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente.” Ainda no mesmo livro, em 1.21 está escrito: “Aproveu a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação”.

Ainda que o homem caído tenha sua percepção espiritual prejudicada, a revelação geral ainda é suficiente para tornar o homem indesculpável, já que ele não dá atenção à pregação da natureza que o convida a glorificar a Deus. É isso que encontramos no primeiro capítulo de Romanos e também em Atos 17.

Essa breve explanação sobre a revelação geral se faz necessária, tendo em vista as alegações inclusivistas, que afirmam que a revelação geral é suficiente para condenar e também suficiente para salvar, pois Deus é injusto se condenar pessoas não capazes de responder conscientemente à fé.

Outra vertente dessa corrente afirma que, por causa daquilo que Deus fez, mediante Jesus Cristo, todos os sinceros indagadores religiosos serão salvos, mesmo daquelas religiões que nunca souberam dEle. Jon L. Dybdahl, PhD pelo Fuller Theological Seminary, coloca as três possibilidades de salvação:

Uns serão salvos antes da morte, outros depois da morte, por alguma intervenção de Deus. Deus sabe todas as coisas e pode simplesmente julgá-los na base de como teriam respondido se tivessem ouvido a mensagem.³⁴

³³ ERICKSON, M. J. (1997). *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova. p. 44

³⁴ DYBDAHL, J. (2005). *Há esperança para os não evangelizados?* Acesso em 12 de dezembro de 2005, disponível em www.dialogue.adventist.org/articles

Assim, Deus pode salvar as pessoas mesmo sem contato com um missionário cristão, pois Deus é salvador de todos os homens e o Seu poder para salvar os homens não pode ser limitado e dependente da atuação de missionários.

Os textos de Romanos 1.18,32 e 2.14,16 também são utilizados na teologia inclusivistas. Paulo escreveu: "... o que se pode conhecer é manifesto entre eles, e os atributos de Deus claramente se reconhecem por meio das coisas que foram criadas." Paulo está ensinando que uma modalidade adicional da revelação geral é a lei moral implantada, da qual o coração dá testemunho mediante a faculdade da consciência. Todos os homens são culpados por transgredirem essa lei implantada - os judeus por violarem a lei escrita em pedras, e os gentios, porque deixaram de viver segundo a lei moral escrita no seu coração.

A revelação geral é um ponto em comum entre o crente e o descrente. Nela, todas as pessoas têm um conhecimento de Deus. Ele nos deixou uma revelação acerca de Si mesmo por meio da natureza, da história e da personalidade humana. Ela é acessível a todos aqueles que desejam observá-la. Devido ao pecado, essa revelação foi deformada e o homem também perdeu a capacidade de percepção dessa revelação.

3.3 O processo inclusivista de salvação.

Os exclusivistas afirmam que a salvação se realiza quando uma pessoa crê em Jesus e O confessa com seu Senhor e Salvador pessoal. Esse processo envolve o conhecimento da pessoa de Jesus, via evangelismo, para que ela possa crer naquilo que está sendo pregado. Então ela se arrepende dos seus pecados, confessa que Jesus é o único caminho e o convida para entrar em sua vida. Nesse momento, ela recebe o Espírito Santo e uma nova vida. Entretanto, esse método não é aceito pelos inclusivistas. Sanders afirma que a idéia de que a salvação é somente para aqueles que tiveram certa quantidade de conhecimento acerca de Cristo assemelha-se ao gnosticismo antigo, onde apenas uns poucos tinham esse conhecimento, ou seja, a salvação é por intermédio do conhecimento.³⁵ Na sua teologia, há uma separação entre fé e conhecimento, onde o importante é a fé em Deus e não apenas o conhecimento nEle.

Outro argumento de Sanders é que, segundo o Livro de **Hebreus 11.6**, para agradar a Deus "...é necessário crer que Ele existe e que se torna galardoador daqueles que O buscam". Assim, tanto a entrega a Jesus, como também a fé em Deus são importantes para a salvação, pois a fé genuína em Deus contém alguma verdade acerca de Deus, que pode vir da Bíblia ou da obra de Deus não criação, e não apenas pelo

³⁵ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Herard?* (J. Sanders, Ed.) Illinois: InterVarsity Press. , p. 37

conhecimento da vida e obra redentora de Cristo.³⁶ Por isso, os teólogos inclusivistas argumentam que nenhum homem será salvo por conhecer as doutrinas básicas da salvação, mas será salvo por causa do temor a Deus. Deste modo, uma pessoa pode saber que Deus existe e desconhecer a Jesus e o plano de salvação e, mesmo assim, ser salva, pois o que importa é a intensidade da confiança e não o conteúdo dela. Stanley Fowler, professor de teologia no Seminário Teológico Heritage – Canadá, comentou a posição de Pinnock, dizendo: “Ele afirma que crê que todos têm acesso às informações necessárias para serem salvos e é contra a idéia de que as pessoas precisam ter um conjunto de conhecimentos acerca de Jesus”.³⁷

Sanders muda um pouco o ensino e afirma que uma quantidade mínima de informação é necessária, mas afirma também que as Escrituras não estabelecem a quantidade desse conhecimento e nem a quantidade para ser salvo. Ele afirma que tanto a Bíblia como também a revelação geral podem produzir fé genuína em Deus.

Com relação à obra de Cristo na cruz, os inclusivistas reconhecem a sua validade. Eles afirmam que a salvação dos não evangelizados é realizada com base na expiação realizada por Cristo, mesmo que eles nunca tenham ouvido sobre Jesus, mas que respondem com fé a revelação que tiveram.

Outro ponto da teologia inclusivista é quanto à diferenciação entre crentes e cristãos. A todos aqueles que exerceram fé em Deus, independente do conhecimento da obra redentora de Cristo, Sanders dá o nome de *crentes em Deus*, enquanto aqueles que creram em Jesus são chamados de *cristãos*.

Ele defende a tese de que assim como os crentes do Antigo Testamento creram em Deus sem aceitação de Jesus, baseado apenas na revelação que tinham, os não evangelizados de hoje também serão salvos, com base na fé em Deus, independentemente da quantidade de revelação que eles possuem. Eles foram salvos não pela fé em Jesus, mas pela fé em Deus. Como exemplo, Sanders cita vários personagens do Antigo Testamento, como por exemplo, os heróis de Hebreus 11, afirmando que eles tinham graus diferentes de conhecimento de Deus. Assim, ele passa a descrever a fé dos patriarcas, do Faraó do êxodo, de Davi, dos ninivitas e muitos outros, que foram justificados pela fé em Deus e não pelo conhecimento de Jesus. Por causa disso, os inclusivistas afirmam que há também indagadores sinceros de outras religiões que podem ser salvos, mesmo não sabendo a fonte exata da sua salvação, pois o poder de Jesus é ilimitado.

³⁶ Ibid, p. 36

³⁷ FOWLER, S. K. (junho de 2000). Universalismo e Inclusivismo. Apostila do módulo de mestrado SBPV , 6. (S. K. Fowler, Compilador) Atibaia, SP.

3.4 A divina perseverança.

Ainda com relação à salvação dos não evangelizados, um ensinamento defendido por alguns teólogos é quanto à divina perseverança, que afirma que os não-evangelizados recebem uma oportunidade de crer em Jesus, ou no momento da morte e até mesmo depois dela. O tema foi desenvolvido por Gabriel Fackre no livro *What About Those Who Have Never Heard*, que apresentou o tema de forma pormenorizada.³⁸ Segundo alguns inclusivistas e teólogos católicos, a oportunidade da salvação não se limita apenas ao tempo de vida, mas também no momento da morte e até mesmo após ela. No primeiro caso, Cristo encontra as pessoas no momento da morte, dando a elas a oportunidade de salvação.

Em segundo lugar temos a teoria da oportunidade *post mortem*. Algumas pessoas acreditam que haverá uma segunda oportunidade para aqueles que já morreram. Os textos bíblicos utilizados são **1 Pedro 3.18-22 e 4.6** que, segundo eles, falam da descida de Jesus ao ᾗδης (hades) para evangelizar aqueles que não tiveram uma oportunidade de salvação.

Por ser um dos textos mais polêmicos das Escrituras, quero apresentar algumas teorias levantadas sobre o significado deles e tecer algumas observações.

A primeira teoria - Cristo, entre sua morte e ressurreição, desceu ao *hades* e ofereceu aos que viveram antes de Noé uma segunda oportunidade. Os versículos não ensinam que os perdidos terão uma segunda oportunidade de salvação depois da morte; não há base bíblica para isso, pelo contrário, Hebreus 9.27 a condena.³⁹

A segunda teoria - Cristo desceu ao *hades* com o propósito de melhorar a condição das almas perdidas. O *hades*, porém, é visto como o lugar de um julgamento intermediário e não o juízo final.

A terceira teoria - Cristo fez uma proclamação (ἐκήρυξεν) às almas que estavam aprisionadas no *hades*, sem oferecimento de uma segunda chance. Esta proclamação foi feita mediante o Espírito Santo, advertindo os contemporâneos de Noé, por meio do próprio Noé.

Outra opinião é que a pregação foi feita aos penitentes dos últimos minutos que, temendo o avanço das águas, subitamente deram crédito à pregação de Noé, pelo que mereciam algum benefício da parte de Cristo, uma vez que ele desceu ao *hades*. Mas quanto a isso, não há nenhuma base nas Escrituras para apoiar essa idéia.

³⁸ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Heard?* (J. Sanders, Ed.) Illinois: InterVarsity Press. , pp. 71-95

³⁹ “Da mesma forma, como o homem está destinado a morrer uma só vez e depois disso enfrentar o juízo...” (NVI)

A quarta teoria - Jesus, antes da sua encarnação pregou através de Noé, (2 Pedro 2.5)⁴⁰ àqueles por terem rejeitado sua mensagem, agora são espíritos em prisão, aguardando o juízo final. Devemos considerar que o alvo da pregação são os espíritos, destituídos de corpos e não os mortais na carne, quando receberam a mensagem. Essa interpretação é anticronológica. O texto de 1 Pedro 3.18 e seguintes, coloca a pregação de Cristo aos perdidos após a sua morte e antes de sua ressurreição. De acordo com essa interpretação, os homens receberam a mensagem enquanto estavam ainda na terra.

Quinta teoria - A pregação de Cristo no *hades* foi condenatória, agravando a condição dos ímpios, ajudando somente os justos. A afirmação aqui é de que os justos foram elevados aos céus. Mas o problema é que o texto de 1 Pedro 3 fala que a mensagem foi para os desobedientes e não para os justos do Antigo Testamento. É sem sentido crer na pregação condenatória no caso dos espíritos já reservados à condenação.

Muitas outras possibilidades poderiam ser citadas aqui. O problema deve ser analisado comparando o conteúdo com outras partes das Escrituras. Sendo assim, não há base bíblica e teológica para afirmar que haverá uma segunda oportunidade para aqueles que não ouviram o Evangelho.

3.5 Textos bíblicos utilizados pelos inclusivistas.

Nas últimas décadas, os inclusivistas desenvolveram uma teologia bíblica bem mais elaborada. John Sanders, em seu livro *No Other Name* trouxe parte desse trabalho, mas vários outros trabalhos também já foram apresentados na tentativa de apurar e desenvolver ainda mais essa teologia. As passagens mais usadas por eles estão em João 1.9, Atos 10.35, 14.15-17, Romanos 1.18,32; 2.14-16 e Hebreus 11.6. Na seqüência apresento um comentário destes textos.

O texto de **João 1.9**, foi motivo de muitos debates, tanto por causa das possíveis interpretações como também por causa da brecha para o inclusivismo. A tradução do versículo apresenta basicamente três possibilidades: A versão Almeida Atualizada (1969) diz: “A verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem”. A Nova Versão Internacional (NVI)⁴¹ também traz: “Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens”. Na Revista e Corrigida temos uma alteração: “Ali estava a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo. ”

O argumento dos inclusivistas neste texto é quanto à luz que ilumina a todo homem, ou seja, que em todas as culturas, independente da revelação especial, as pessoas são iluminadas por Deus e podem, por causa disso, ser salvas.

⁴⁰ “Ele não poupou o mundo antigo quando trouxe o Dilúvio sobre aquele povo ímpio, mas preservou Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas”..

⁴¹ Bíblia Sagrada - Nova versão internacional. (2001). São Paulo: Vida.

Os quakers,⁴² por sua vez, usavam este versículo para ensinar a iluminação divina universal nas mentes dos homens. Os pais gregos diziam que Deus iluminava os pagãos de diversas maneiras, incluindo as suas próprias filosofias, principalmente de Sócrates, Platão e Aristóteles.

O participio ἐρχόμενον está ligado à palavra *luz*, relacionando à encarnação do λόγος.⁴³ Por isso, a tradução da NVI é a mais adequada ao texto, que apenas afirma que a luz, Jesus, ilumina a todo o homem. Em João 3.19 e 12.46 lemos: "... a luz veio ao mundo, e, eu vim como luz para o mundo". Assim, esse texto não tem o propósito de ensinar que todas as pessoas foram iluminadas com a vinda de Jesus ao mundo.

Outro texto polêmico e um dos mais utilizados pelos inclusivistas é **Atos 10.35**: "Então, falou Pedro, dizendo: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; pelo contrário, em qualquer nação, aquele que o teme e faz o que é justo lhe é aceitável." Os inclusivistas dizem que Cornélio já era salvo e que foi aceito por Deus mesmo não tendo a revelação especial. Contudo devemos considerar a diferença entre *aceitável* e *ser aceito*.

Quanto a isso, devemos levantar um ponto fundamental da hermenêutica, que é o conhecimento do contexto. Fazendo assim, percebemos que os gentios que creram no Evangelho são aceitos como gentios, não que gentios que nunca ouviram do Evangelho são salvos. Nesta passagem, há uma descrição da absoluta igualdade existente entre judeus e gentios. Deus não tem favoritos, o que significa, de um lado, que os malfeitores não podem esperar que Ele lhes mostre parcialidade no juízo, e, de outro lado, que ninguém precisa temer que, por parcialidade, Deus não receberá.⁴⁴

Este relato de Cornélio é o primeiro registro das boas novas ao mundo gentio. Ali se encontrava uma pessoa devota, piedosa, familiarizada com as Escrituras judaicas. O restante do relato mostra que Cornélio precisava ouvir, arrepender-se (11.18) e crer em Jesus (15.7). Somente Depois Deus o salvou (11.14), recebendo a dádiva do Espírito e, assim, foi batizado.

O que Pedro não está dizendo nesse versículo é que qualquer um, de qualquer nação ou religião que seja devoto é, por isso, justificado. Pelo fato do texto afirmar que aquele que "...o teme e faz o que é justo lhe é agradável", não significa que nada mais seja necessário. Além do mais, correlacionando o versículo com outras passagens das Escrituras, devemos dizer que não há um apoio teológico para dizer que a justiça e a retidão de uma pessoa pode proporcionar a salvação. É, portanto, um mau uso dos

⁴² Movimento protestante britânico do século XVII, que pretendia restaurar a fé cristã original, após séculos de apostasia.

⁴³ Gramaticalmente, o participio εἰς τοὺς ἄνθρωπος também pode estar ligado a ἄνθρωπος.

⁴⁴ MARSHALL, I. H. (1982). *Atos - Introdução e Comentário* (1 ed., Vol. 5). (G. Chown, Trad.) São Paulo: Mundo Cristão & Vida Nova. p. 182

capítulos 10 e 11 de Atos, sugerir que antes de ouvir a Pedro, Cornélio estava num relacionamento correto com Deus, ou justificado.

Ainda no livro de Atos, os inclusivistas citam Atos 14.15-17. Há aqui a menção de que Deus deixou um testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando chuva, estações frutíferas, enchendo os corações com fartura e alegria. Porém, o testemunho aqui é a revelação geral, conforme outras citações do apóstolo Paulo aos pagãos que fala de conhecer a Deus, de conversão e remissão dos pecados. Em Gálatas 4.8-9 ele disse: “Outrora, porém, não conhecendo a Deus, servíeis a deuses que, por natureza, não o são; mas agora que conheceis a Deus ou, antes, sendo conhecidos por Deus...”

Na conversão do apóstolo Paulo, Jesus disse a ele:

“... livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim.”

Os textos de **Romanos 1.18,32 e 2.14,16** também são bastante utilizados na teologia inclusivista. Esses textos afirmam que “...o que se pode conhecer é manifesto entre eles”, e também que “... os atributos de Deus claramente se reconhecem por meio das coisas que foram criadas”. Paulo está ensinando que uma modalidade adicional da revelação geral é a lei moral implantada, da qual o coração dá testemunho mediante a faculdade da consciência. Todos os homens são culpados por transgredirem essa lei implantada. Os judeus por violarem a lei escrita em pedras, e os gentios, porque deixaram de viver segundo a lei moral escrita no seu coração.

Com relação a **1 Timóteo 2.4**, lemos: “...Deus deseja que todos os homens sejam salvos”. Por causa dessa citação de Paulo, e também 2 Pedro 3.9; 1 Timóteo 4.10; Tito 2.11; 2 Coríntios 5.19, muitos comentaristas defendem o universalismo, ou seja, que no fim dos tempos, Deus irá salvar a todos. Sem tecer muitos comentários sobre essa posição, o que já foi feito anteriormente, quero me ater apenas na questão da vontade salvífica de Deus, que está relacionada também com o inclusivismo. O fato do amor e interesse universais de Deus não nos fala de condições para salvação, somente que Deus deseja que todas as pessoas preencham tais condições.

Com relação à recompensa que Deus oferece àqueles que O buscam o texto de **Hebreus 11.6** também é utilizado. O versículo diz assim: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”. Esse texto somente prova que crer que Deus existe e que recompensa aqueles que confiam nele é necessário para salvação, não que seja suficiente para a salvação.

Concluindo, conforme vimos anteriormente, a teologia inclusivista, apesar de conter argumentos históricos, emocionais e também suficientemente fundamentado em textos bíblicos, fica muito aquém da verdade revelada nas Escrituras. Sendo assim, na seqüência, quero também apresentar as contribuições do texto de Atos 17.16-34 para o entendimento do tema abordado nesta dissertação.

4. AS CONTRIBUIÇÕES DE ATOS 17. 16-34

Após apresentar o argumento do livro de Atos, o contexto histórico da cidade de Atenas e também a questão do inclusivismo soteriológico, quero mostrar também as contribuições da passagem de Atos 17.16-34 para o entendimento do tema em análise nesta dissertação.

De forma resumida, o texto apresenta a intensa religiosidade na cidade de Atenas, que era marcada pela existência de inúmeros deuses e altares, o que levou o apóstolo a pregar a Jesus e a ressurreição. Paulo não desligou desse contexto e delineou sua exposição através da apresentação de alguns atributos e ações do Deus Verdadeiro em contraste com a religiosidade ateniense. O propósito de Paulo não era apenas revelar os erros dos filósofos ou combater a idolatria da cidade,⁴⁵ mas conduzir seus ouvintes da idolatria para a fé no Deus verdadeiro e na necessidade de arrependimento, ante o juízo através de Jesus. Dentro deste conteúdo, a passagem nos oferece alguns ensinamentos acerca do inclusivismo soteriológico.

4.1 Os atenienses desconheciam o Deus verdadeiro.

Conforme já vimos anteriormente no item 4, segundo o pensamento inclusivista, os atenienses já eram crentes e conheciam a Deus, não com a mesma revelação que temos hoje, mas tornaram-se posteriormente cristãos. Dizem ainda que a adoração a Deus era feita na “ignorância”, porém, Paulo iria mostrar-lhes mais detalhes da revelação deste Deus.

Ainda segundo os inclusivistas, Paulo sabia que os filósofos atenienses estavam procurando a Deus e que, apesar de todas aquelas práticas idolátricas, eles estavam no caminho certo.⁴⁶ Deus era conhecido deles através da criação e da providência. Através desta revelação, Deus esperava que eles O encontrassem, já que *Deus estava perto de cada um deles*.⁴⁷

⁴⁵ É interessante observar que os principais interessados na exposição de Paulo não foram os idólatras da cidade, mas aqueles filósofos que haviam desconstruído o panteão grego. Talvez seja este o motivo deles afirmarem “parece pregador de estranhos deuses”.

⁴⁶ Sander também afirmou que todos os pontos do discurso de Paulo podem ser encontrados no Antigo Testamento, porque há afinidades entre a revelação geral e especial.

⁴⁷ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Herard?* (J. Sanders, Ed.) Illinois: InterVarsity Press, p.41

Na introdução do seu discurso em Atenas, Paulo dirigiu à platéia as seguintes palavras: “Homens atenienses! Vejo que em todos os aspectos vocês são muito religiosos.” Assim, Paulo despertou a atenção dos seus ouvintes, mostrando um aspecto da intensa atividade religiosa na cidade. Ele usou a palavra δεισιδαιμονεστέρους, que aparece uma única vez no Novo Testamento, formada por (δείδω) (*temer*) e δαίμων, (*divindade*).⁴⁸ Ela pode ser usada no sentido positivo, como *reverência aos deuses, piedoso e religioso* (Xenofonte e Aristóteles).⁴⁹ No sentido negativo é vista também como *supersticioso*,⁵⁰ um devoto sem conhecimento de Deus. Esta palavra também aparece num sentido neutro, trazendo a idéia de *muito religioso*.

Levando em conta o propósito da introdução do discurso, que se assemelha aos discursos no primeiro século, a maneira polida como ele foi convidado e a maneira como o apóstolo apresentou o discurso, podemos afirmar que essa última hipótese se encaixa melhor aqui no sentido de Atos 17.22. Desta forma, podemos dizer que Paulo não estava afirmando que eles eram supersticiosos, como o sentido da palavra nos dias atuais. Desta maneira, com a intenção de apresentar o enorme contraste do deus desconhecido, Paulo direciona seu discurso para a apresentação da superioridade do Deus verdadeiro, mostrando aos atenienses que todo aquele complicado sistema de adoração politeísta era uma prática inútil, em face de tudo aquilo que o Deus verdadeiro era, fez e continuava fazendo aos homens.

Outro detalhe do texto, que reforça a opinião dos inclusivistas de que os atenienses já eram adoradores de Deus, mesmo de forma superficial, é a menção do DEUS DESCONHECIDO. Aos atenienses, Paulo disse: “Pois, andando pela cidade, observei cuidadosamente seus objetos de culto e encontrei até um altar com esta inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO”.⁵¹ No texto grego encontramos διερχόμενος γὰρ καὶ ἀναθεωρῶν, dois participios presente, que a NVI traduz da seguinte maneira: *pois andando pela cidade, observei cuidadosamente*. Em *Louw-Nida Lexicon*, a palavra ἀναθεωρῶν significa *examinar, observar, considerar atentamente*.⁵² Paulo passou um tempo examinado e fazendo suas considerações sobre tudo aquilo que vira. A conclusão não poderia ser outra – um povo extremamente religioso. Isso é comprovado pela citação do altar ao DEUS DESCONHECIDO (Ἀγνώστῳ θεῷ). Há comprovação histórica da existência de vários altares a deuses não conhecidos. Isto é visto nos comentários de historiadores e também nos pais

⁴⁸ THAYER, J. H. (1984). *Greek-English Lexicon of the New Testament* (9 ed.). Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, p. 1179

⁴⁹ LANGE, J. P. (1868). *Comentary on the Holy Scriptures - Critical, Doctrinal and Homiletical*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, p. 322

⁵⁰ LIDDELL, H. G., & SCOTT. (1888). *Greek-english Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, p. 177

⁵¹ Atos 17.23

⁵² BIBLEWORKS FOR WINDOWS, 7.0.012g. Norfolk, Virginia, USA, Bushell M. S. (2006).

da Igreja. Pausânias, um viajante e geógrafo grego, que viveu no II século d.C compôs a sua obra *“Itinerário da Grécia”*, fez alusão a tais altares no mundo antigo.⁵³

Diógenes Laércio, biógrafo dos antigos filósofos gregos, que viveu provavelmente na metade do III século d.C afirma que durante um período de peste, Epimênedes, o cretense, instruiu aos atenienses que deixassem soltas ovelhas negras e brancas no areópago. Onde cada uma deitasse, que fosse oferecido um sacrifício ao deus apropriado, o que, naturalmente, significava o deus desconhecido, que, provavelmente, seria o causador da peste, por não receber o agrado necessário.⁵⁴ Esse fato pode ser uma das causas da existência desses altares aos deuses desconhecidos. A verdade é que a existência deles foi comprovada recentemente por inscrições encontradas na Grécia.

Com relação a este altar (ou altares) Paulo afirmou que o Deus desconhecido, que eles adoravam, era precisamente aquele que ele anunciava. Esta citação tem sido um forte argumento usado pelos inclusivistas. Para solucionar esta questão, precisamos atentar para os detalhes do discurso. Em primeiro lugar, verificamos que nos versos 24 a 29, o Deus que Paulo estava apresentando é um Deus bem diferente do que os atenienses criam. Paulo apresentava um único Deus, enquanto que em Atenas haviam uma infinidade de deuses. O Deus que Paulo anunciava era o Criador, *que não habita em santuários feitos por mãos humanas e nem é servido por mãos humanas.*⁵⁵ Para alguns comentaristas, por causa do altar ao Deus desconhecido, Paulo percebeu que eles mesmos reconheciam a ignorância.⁵⁶ No discurso, Paulo dá provas desta ignorância e no verso 30, Paulo afirma que eles são culpados desta ignorância.

Ao contrário do Deus dos epicureus, que não se importavam com a raça humana, o Deus apresentado por Paulo era aquele que *a todos dá vida, respiração e tudo mais,*⁵⁷ era um Deus Criador e Sustentador da criação.

Paulo dificilmente quis dizer que seus ouvintes eram adoradores inconscientes do Deus verdadeiro que, em última análise, era responsável pelos fenômenos que atribuíam a um Deus desconhecido, caso contrário não seria necessário arrependimento. Por outro lado, caso ele estivessem adorando o mesmo Deus, de forma sincera, qual seria a necessidade do julgamento do mundo, mencionado no final do discurso. Tudo isso tende a comprovar que os atenienses, mesmo com toda religiosidade e adoração ao deus desconhecido, viviam na ignorância.

⁵³ CHAMPLIN, R. N. (1982). *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*. (Vol. 6). São Paulo: Millenium. p. 367.

⁵⁴ YONGE, C. (2010). *The lives and opinions of eminent philosophers*. Acesso em abril de 2010, disponível em (<http://classicpersuasion.org/pw/diogenes/>)

⁵⁵ Atos 17.24

⁵⁶ STOTT, J. R. (1994). *A mensagem de Atos*. (M. A. Hediger, Trad.) São Paulo: ABU Editora, p. 320

⁵⁷ Atos 17.25

Marshall, comentando a relação entre o DEUS DESCONHECIDO e o Deus verdadeiro, escreveu:

Não havia, na realidade, qualquer conexão real entre um “deus desconhecido” e o deus verdadeiro. Paulo dificilmente quis dizer que seus ouvintes eram adoradores inconscientes do Deus verdadeiro que, em última análise, era responsável pelos fenômenos que atribuíam a um deus desconhecido.⁵⁸

Em seu livro *O Fator Melquisedeque*, Don Richardson, cita vários casos onde Deus trabalhou no processo de redenção de pessoas de várias nações. No primeiro capítulo desta obra, ele trata especialmente da busca dos atenienses e fez uma afirmação que é muito usada pelos inclusivistas. Ele disse:

O Deus proclamado por Paulo era realmente um deus estranho como suposto pelos filósofos? De maneira alguma! Segundo o raciocínio de Paulo, Javé, o Deus judeu-cristão, fora representado pelo altar de Epimênedes. Tratava-se, portanto, de um Deus que já interferia na história de Atenas, tendo certamente o direito de ver o seu nome proclamado ali.⁵⁹

Na página anterior a esta afirmação, Richardson escreveu sobre a necessidade de revelação especial.

“A lógica de Jesus era impecável. Quando as pessoas devem voltar-se das trevas para a luz, é necessário que seus olhos se abram primeiro para que possam ver a diferença entre ambas. O que é preciso para abrir os olhos de alguém? Um abridor de olhos! Mas, onde poderia Paulo, nascido judeu, renascido cristão, encontrar um abridor de olhos para a verdade sobre o Deus supremo, na cidade de Atenas infestada de ídolos? Ele dificilmente poderia esperar que um sistema completamente dedicado ao politeísmo viesse a reconhecer que o monoteísmo é superior.”⁶⁰

No último capítulo do seu livro, percebemos que Richardson não apóia o inclusivismo. Neste capítulo ele escreve sobre a *Mensagem oculta de Atos*, e enfatiza o plano de Deus fazer o Evangelho conhecido até os confins da terra, a necessidade de crer e, Jesus para receber remissão dos pecados.⁶¹

Em suma, Richardson indica que onde há uma busca genuína, Deus prevê a revelação adicional necessária à salvação.⁶²

⁵⁸ MARSHALL, I. H. (1982). *Atos - Introdução e Comentário* (1 ed., Vol. 5). (G. Chown, Trad.) São Paulo: Mundo Cristão & Vida Nova. , p. 269

⁵⁹ RICHARDSON, D. (1998). *Fator Melquisedeque* (2 ed.). (R. Malkomes, Ed.) São Paulo: Vida Nova. , p. 19

⁶⁰ Ibid, p. 18

⁶¹ Ibid, p. 163

⁶² Esta é a opinião do Dr. Carlos Osvaldo com relação ao conteúdo do livro.

4.2. Os atenienses viviam na ignorância.

Outra afirmação de Paulo que tem causado controvérsias está no verso 30: “No passado Deus não levou em conta essa ignorância, mas agora ordena que todos, em todo lugar, se arrependam”. Para a platéia no Areópago, Paulo resumiu todas aquelas práticas idolátricas como uma falta de conhecimento (*ἄγνοια*), ignorância. Alguns comentaristas afirmam que esta citação de Paulo entra em contradição com outras passagens do Novo Testamento, como por exemplo, Romanos 3.25;⁶³ e Atos 14.16. Numa primeira leitura do versículo, é possível que a pessoa entenda que aqueles que viveram na *ἄγνοια* serão perdoados, pois Deus não vai levar em conta a falta de conhecimento deles, pois o julgamento será efetuado de acordo com a revelação que eles tiveram.

Para solucionarmos esta questão, quero, em primeiro lugar, analisar a palavra *ὑπεριδῶν*, e em seguida comentar sobre os tempos de ignorância (*χρόνους τῆς ἀγνοίας*). A palavra *ὑπεριδῶν* é traduzida, muitas vezes por, *não levar em conta, ver por cima, passar por cima, desconsiderar, ignorar, deixar passar, não fazer caso, desprezar*.⁶⁴ No grego clássico era usada com o sentido de *olhar por cima, mostrar desprezo*.⁶⁵ *algo que não se presta atenção* e é deixado temporariamente sem punição.⁶⁶ Esta palavra está ligada aos tempos de ignorância e para entendermos o significado que o autor desejava com ela e com o versículo, é necessário conhecer o contexto da passagem e também a teologia bíblica sobre o assunto, levando em consideração a revelação progressiva de Deus.

Antes do Evangelho de Cristo, os homens viveram na ignorância, por causa da idolatria, provocando a ira de Deus com suas práticas abomináveis.⁶⁷ O mesmo estava acontecendo com os atenienses, o que para Paulo era (*χρόνους τῆς ἀγνοίας*). Em Atos 3.17 a palavra *ἄγνοια* aparece novamente, relacionada com o ato humano realizado por ignorância *οἶδα ὅτι κατὰ ἄγνοιαν ἐπράξατε*. Pedro menciona a atitude dos judeus, de matar a Jesus, como um ato de ignorância. Neste contexto, a ignorância com relação ao Messias não era uma justificativa para a absolvição deles, pois em 3.19 vemos que eles também precisavam arrepender-se e se converter para terem seus pecados cancelados.

Outro texto que atesta esta posição está em 1 Timóteo 1.15. O apóstolo se intitula o maior dos pecadores, e afirma que muitos de seus atos foram cometidos por ignorância.⁶⁸ Mesmo assim, ele teve que conhecer a Cristo, crer nele e receber a remissão dos pecados para ser salvo.

⁶³ ... por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos;

⁶⁴ THAYER, J. H. *Greek-English Lexicon of the New Testament* (9 ed.). Grand Rapids, Michigan: Baker Book House. (1984).

⁶⁵ LIDDELL, H. G., & SCOTT'S. (1888). *Greek-english Lexicon*. Oxford: Clarendon Press.

⁶⁶ RIENECKER, F., & ROGERS, C. (1985). *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. (G. C. Zabatiero, Trad.) São Paulo, São Paulo: Vida Nova, p. 227

⁶⁷ Romanos 1 demonstra que a ignorância “teológica” do homem não é passiva, mas ativa e deliberada.

⁶⁸ 1 Timóteo 1.13

Uma terceira consideração que apresento é que Deus punirá eternamente aqueles que não O conhecem e aqueles que não obedecem ao Evangelho de Jesus. Em 2 Tessalonicenses 1.7-8, lemos:

... e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, ⁸ em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus.

A ignorância acerca de Deus, não servirá com argumento de defesa no dia do juízo, ⁶⁹ caso contrário, a ordem de pregar o Evangelho seria inútil, bem como o movimento missionário. Quanto a isso, quero abrir um parêntese para falar deste tema, pois parece que o inclusivismo não faz nenhum sentido com o movimento missionário, pois a salvação será concretizada com base na obra de Cristo, levando em conta o grau de revelação que a pessoa teve e seu temor a Deus, independente do conhecimento de Cristo e uma entrega a Ele. Mas não é isso que vemos nos ensinamentos deles. Sanders apresenta alguns motivos pelos quais devemos evangelizar:

Primeiro por que é um mandamento (Mateus 28.18-20). Segundo, nós, que temos experimentado o amor de Deus, deveríamos compartilhar as bênçãos da vida cristã com aqueles que são ignorantes a Deus. Em terceiro lugar, as pessoas precisam ouvir de Cristo para poder vir a conhecer o amor de Deus. Finalmente, os não evangelizados crentes, que irão receber a vida eterna com base na obra de Cristo, Deus deseja que elas também desfrutem plenamente a nova vida que veio em Pentecostes. ⁷⁰

Devemos observar, contudo, que Sanders não menciona o terrível risco de que com mais luz os “crentes” não cristãos se tornem mais culpáveis e sejam eternamente condenados.

Em resumo, os inclusivistas afirmam que a salvação que Jesus providencia não é apenas para a felicidade eterna, no céu, mas para a vida abundante no presente. Nesse sentido eles são favoráveis a missões.

Voltando ao tema da *χρόνους τῆς ἀγνοίας*, em Atos 14.15-17 temos uma passagem bem parecida com a anterior. Em Listra, Paulo, após a cura de um paralítico, se viu cercado pelas multidões e pelo sacerdote, que diziam que Paulo e Barnabé eram deuses. Mas Paulo combateu esta ignorância deles, afirmando que, nas gerações passadas (*ὅς ἐν ταῖς παρωχημέναις γενεαῖς*), Deus deixou que eles andassem em seus próprios caminhos:

Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos

⁶⁹ WINTER, R. d., HAWTHORNE, S. C., & BRADFORD, K. D. (Eds.). (2009). *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial* (1 ed.). São Paulo, SP, Brasil: Vida Nova, p. 161

⁷⁰ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Heard?* J. Sanders, Ed. Illinois: InterVarsity Press, p.54

convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles; o qual, nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos; contudo, não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria.

No livro *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*, o Dr. Carlos Osvaldo comenta:

O texto [também] fala da paciência divina para o a obstinação humana de fazer caminhos que o ignorem e deformem pela idolatria (v. 16-17). Essa paciência, todavia, não significa convivência com o pecado. O testemunho dado pela natureza e pela providência (a preservação e renovação divinas do Universo a favor das criaturas) é incriminador, como Paulo deixa claro em Romanos 1.18-32.⁷¹

Conforme Romanos 1.19-21, Deus não desculpa as nações, pois ele as responsabiliza por seus atos, porém quando eles ouvem a proclamação do Evangelho, seus tempos de ignorância chegam ao fim.

Também em Romanos 3.24-25, Paulo escreveu: "... sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fê, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos." Kistemaker afirma que "Deus tolerou os pecados que o povo cometera em tempos passados e, dessa forma, não levou em conta, mas demonstrou clemência".⁷²

Desta maneira, podemos afirmar que nos χρόνους τῆς ἀγνοίας, que foram caracterizados por idolatria, Deus exerceu a paciência e tolerância com as nações (ὑπεριδῶν).⁷³ Deus não exerceu juízo contra todos, mas agora, com a revelação de Jesus e seu Evangelho, todos os homens são ordenados a se arrependerem, pois já determinou um dia que há de julgar, por meio de Jesus Cristo ressuscitado.

4.3 Haverá um julgamento.

No verso 30 vemos que, devido à paciência de Deus e o envio do seu Filho, ele agora anuncia que todos se arrependam. Na versão Revista e Atualizada (ARA) temos a palavra *notifica*, enquanto que a Revista e Corrigida (ARC) apresenta *anuncia*. A Nova Versão Internacional traz a palavra *ordena*, enquanto a NTLH coloca *manda*. Tudo isso é causado pelas variantes ἀπαγγέλλει e παραγγέλλει. A segunda variação apresenta um maior

⁷¹ WINTER, R. d., HAWTHORNE, S. C., & BRADFORD, K. D. (Eds.). (2009). *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial* (1 ed.). São Paulo, SP, Brasil: Vida Nova, p. 161

⁷² KISTEMAKER, S. (2006). *Comentário do Novo Testamento - Atos* (Vol. 2). São Paulo: Cultura Cristã, p. 195

⁷³ Embora em muitos casos, Deus puniu a idolatria de pessoas e nações, como fez com a nação israelita.

apoio, por causa dos manuscritos alexandrinos p41, 74, κ , bizantinos A, E, e os ocidentais D, P. Já a forma $\acute{\alpha}\pi\alpha\gamma\gamma\acute{\epsilon}\lambda\lambda\epsilon\iota$ tem κ^* , B alexandrinos e versões latinas. A variante $\pi\alpha\rho\alpha\gamma\gamma\acute{\epsilon}\lambda\lambda\epsilon\iota$ é favorita de Lucas, pois das trinta ocorrências no NT, quatorze delas estão em Lucas-Atos. É provável que escribas alexandrinos achassem menos provável que Deus exortasse, ou ordenasse ao arrependimento, mas que anunciasse ou declarasse que todos os homens, de todos os lugares deveriam arrepender-se. No contexto da passagem, a forma $\pi\alpha\rho\alpha\gamma\gamma\acute{\epsilon}\lambda\lambda\epsilon\iota$ é também mais apropriada.

De acordo com os versos 30 e 31, Paulo afirmou que o juízo seria universal, feito com justiça, por um varão que ele havia destinado e ressuscitado dentre os mortos. Além disso, o tempo para o juízo já estava determinado, mesmo tendo uma busca pelos deuses e uma adoração ao deus desconhecido, que segundo alguns inclusivistas, buscavam o Deus verdadeiro.

A questão do julgamento era um tema abominado pelos epicureus, que ensinavam que a morte era o fim da existência e a desintegração da alma e, por isso, não deveria ser temida. Nesses dois versículos conclusivos percebemos que Paulo mexeu com os sentimentos dos ouvintes, primeiro ao citar o juízo de Deus. Essa idéia de um juízo final e do comparecimento a uma corte sem apelações, não era vista com bons olhos.

Os inclusivistas acreditam no julgamento de Deus e que os não evangelizados são pecadores e precisam voltar-se para Deus. Apenas aqueles que se mostraram resistentes à revelação que tiveram, tanto a revelação geral, como o conhecimento de Jesus, estes sim, serão condenados. A preocupação básica dos inclusivistas é com relação à condenação de pessoas que não tiveram a oportunidade de responder ao Evangelho. Para eles, Deus é justo e não condenaria alguém que não tivesse a oportunidade de crer em Jesus, pois Deus incluiu todos em sua graça, antes da exclusão em julgamento).⁷⁴ Sendo assim, Deus vai julgar de acordo com a maneira como eles responderiam se tivessem ouvido o Evangelho.⁷⁵ Porém, somente aqueles recusam aceitar a graça de Deus serão rejeitados.

Um detalhe do julgamento é que ele será realizado por Jesus – ressurreto dos mortos. Ao mencionar a ressurreição de Cristo, o alvoroço foi formado.⁷⁶ Conforme vimos anteriormente,⁷⁷ para os epicureus a morte não significava nada, por causa da teoria da desintegração da alma. Já os estóicos, que eram panteístas, olhavam para a pessoa como pertencente à razão universal, ao *logos*, e que deveria aceitar a realidade da morte, encará-la com coragem, pois este é o destino de todos os mortais.⁷⁸

⁷⁴ FACRE, G., NASH, R. H., & SANDERS, J. (1995). *What About Those Who Have Never Heard?*, J. Sanders, ed. Illinois: InterVarsity Press. , p. 35

⁷⁵ Ibid, p. 14

⁷⁶ Os gregos tinham dificuldade em aceitar a doutrina da ressurreição, pois ensinavam a imortalidade da alma e a destruição do corpo.

⁷⁷ O capítulo 3 trata da filosofia ateniense.

⁷⁸ PIRATELI, M. A. (2006). *A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca*. Acesso em 30 de Outubro de 2010.

CONCLUSÃO

Nesta análise da literatura inclusivista, verifiquei que a doutrina procura se alicerçar não só na teologia,⁷⁹ mas também na emoção e lógica humana, que tenta explicar a questão da salvação daqueles que nunca ouviram o Evangelho. Eles usam a revelação geral como apoio para sua doutrina, porém, teologicamente esta revelação atua justamente ao contrário. Sendo assim, o inclusivismo erra ao negar a necessidade da revelação especial de Deus nos corações de pessoas de todas as nações e erra também no conteúdo soteriológico bíblico, o que é pouco comentado.

Mesmo havendo pessoas piedosas e tementes a Deus em vários lugares a apresentação de Jesus e do plano de Deus se faz necessária a todas as pessoas em todos os lugares.

Na cidade de Atenas havia pessoas cultas e simples, religiosas e descrentes, mas ao ouvirem o discurso de Paulo acerca do Deus verdadeiro e da necessidade de arrependimento, alguns creram, dentre eles estava Dionísio, o areopagita.

Concluindo, é necessário levar o Evangelho a todos, de todas as nações. Não podemos deixar adeptos de religiões naturais sem esse conhecimento. Em nossos dias, “...mesmo entre os chamados evangélicos conservadores começam a surgir vozes questionando a pregação de um tormento eterno para os perdidos, especialmente para os que jamais ouviram a pregação do evangelho”.⁸⁰

⁷⁹ John Sanders escreveu o livro *No Other Name*, uma obra com mais de 300 páginas, citando inúmeras passagens bíblicas, mas que nem por isso serve de evidência da veracidade de suas conclusões.

⁸⁰ WINTER, R. d., HAWTHORNE, S. C., & BRADFORD, K. D. (Eds.). (2009). *Perpectivas no Movimento Cristão Mundial* (1 ed.). São Paulo, SP, Brasil: Vida Nova, p. 158